

O setor lácteo no contexto da crise financeira mundial

Glauco Rodrigues Carvalho

O ano de 2008 finalmente está terminando, sendo momento para avaliar o que foi e planejar 2009. O ano começou com uma grande preocupação mundial sobre a inflação de alimentos e uma política econômica voltada para o combate a escalada dos preços. Agora os formuladores de política tentam estimular a economia e não deixá-la caminhar para uma recessão. Mas sem tirar os olhos da inflação.

O leite em pó integral na União Européia iniciou o ano no patamar de US\$ 4.500 por tonelada. Na Oceania, esse mesmo produto chegou a ser cotado em US\$ 5.000 por tonelada. Uma preocupação já existia no início do ano, a de que a produção pudesse expandir de forma mais acentuada. De fato, altos preços em 2007 estimularam a oferta em vários países. No Brasil a captação de leite iniciou 2008 cerca de 20% acima do verificado nos primeiros meses de 2007. Nos Estados Unidos a oferta estava crescendo mais de 3%. As exportações brasileiras de lácteos também avançaram bastante, atingindo valores recordes. Para isso, foi fundamental o incremento do preço médio internacional, atenuando o efeito negativo da taxa de câmbio. Vale destacar ainda a forte demanda de países exportadores de petróleo, como o caso da Venezuela, nosso principal parceiro comercial em lácteos.

Ao longo do ano, novidades foram surgindo. Na indústria de transformação, continuou o movimento de consolidação e compras de laticínios. O volume robusto de oferta de leite também provocou dificuldades na captação e armazenamento da matéria-prima. Em alguns momentos certas empresas ficaram sem capacidade de armazenar e captar o leite do dia. Mas a economia mundial seguia crescendo e a liquidez internacional estava favorável. Havia excesso de demanda em vários países.

Mas o cenário mudou e a crise no mercado imobiliário dos Estados Unidos se instaurou. O excesso de liquidez deu lugar à escassez de crédito. No início de setembro o tesouro americano anunciou a intervenção nas gigantes do setor hipotecário *Fannie Mae* e *Freddie Mac*. Oito dias depois o *Lehman Brothers* entrou com pedido de concordata. A crise contaminou a Europa e foi se espalhando para as demais economias. No início de outubro os Bancos Centrais dos Estados Unidos, Europa e outros anunciaram, em uma ação conjunta, cortes em suas taxas básicas de juros. Várias outras economias, inclusive a brasileira, iniciaram lançamentos de pacotes de socorro a instituições financeiras na tentativa de assegurar uma menor contaminação à economia real, ao emprego e a renda das famílias ao redor do mundo. O fato é que o mundo está diante da maior crise da economia moderna e sua solução terá, necessariamente, que assumir proporções também descomuns.

No mercado de *commodities* o efeito da crise foi sentido rapidamente, na esteira de perspectivas de menor crescimento econômico, restrições de crédito, desaceleração de investimentos e arrefecimento da demanda. Os fundos de derivativos também realizaram suas posições compradas, o que acabou acentuando a queda dos preços no primeiro momento.

Os preços do petróleo desabaram para cerca de 50 dólares em meados de novembro após atingirem 140 dólares em julho. Na mesma linha, recuaram os preços de diversas outras *commodities*. O leite em pó integral na União Européia recuou de 4.500 por tonelada em julho para o patamar de 2.700 dólares no início de novembro, ou seja, uma queda de 39% (Fig. 1).

Na Fig. 2 pode-se verificar também pelo levantamento da FAO a queda ocorrida em outubro para diversos grupos de alimentos, inclusive lácteos. Em relação a outubro de 2007, os preços dos alimentos caíram 6%, enquanto os produtos lácteos tiveram queda de 35%. Óleos e gorduras também recuaram cerca de 18%. O grupo de cereais registrou recuo menor, de apenas 3,5%.

Do ponto de vista da demanda, os principais direcionadores do consumo de lácteos são população, renda e novos hábitos de consumo. A Fig. 3 ilustra a relação entre o consumo per capita de lácteos e a renda per capita, indicando que países de renda mais alta

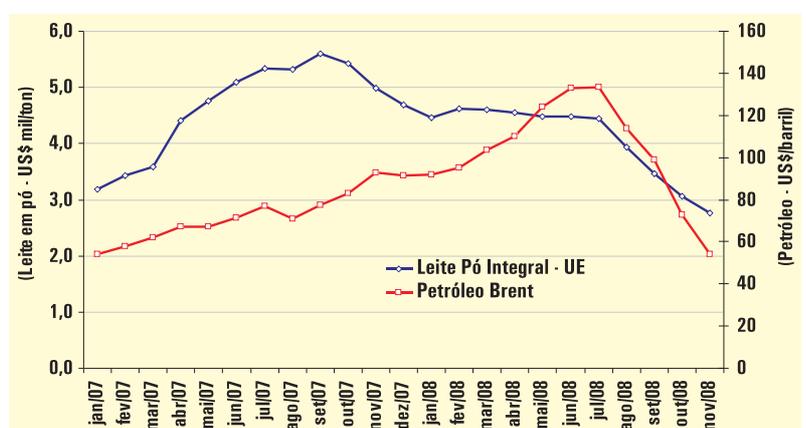


Fig. 1. Preços do petróleo e do leite em pó integral.

Fonte: Bloomberg; USDA. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

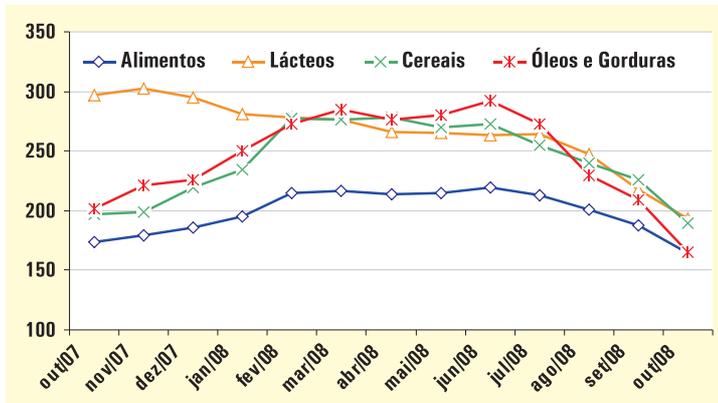


Fig. 2. Índice de preços de alimentos e grupos selecionados (base 1998-2000 = 100).
Fonte: FAO. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

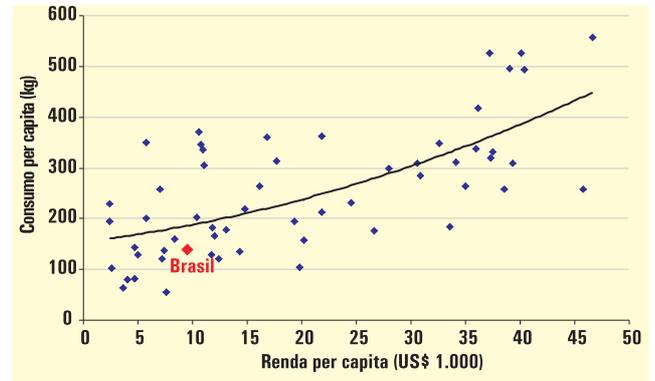


Fig. 3. Consumo *per capita* de lácteos e renda *per capita* em diferentes países.
Fonte: FMI; IFCN. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

A crise preocupa e as projeções de crescimento econômico mundial não são nada otimistas. O FMI divulgou em novembro uma revisão de seu relatório semestral, Panorama Econômico Mundial, em que mostrou as previsões para o crescimento do PIB de diversos países. Para o mundo, o crescimento foi revisado de 4,1% para 3,7% este ano e para 2,2% em 2009 (Fig. 4). Entretanto, a maioria dos analistas está mais pessimista que o FMI com relação ao crescimento da economia mundial em 2009. O impacto da crise deve ser mais acentuado entre as economias avançadas, com previsão de recessão para 2009. As projeções indicam que estas economias devem recuar 0,3% em 2009. Na Zona do Euro o recuo deve ser de 0,5%, em média, e nos Estados Unidos, de 0,5%. Vale destacar que em 2007 estas economias cresceram acima de 2,0%.

Os países em desenvolvimento também vão sofrer com a crise, porém em menor intensidade (Fig. 5). Isso principalmente pelo desempenho da Ásia. A previsão de crescimento das economias em desenvolvimento é de 5,1% para 2009, ante 6,6% em 2008 e 8,0% em 2007. Portanto, uma queda também acentuada em relação ao ambiente econômico dos últimos anos.

Na Ásia, a demanda já tem mostrado sinais de desaceleração. No setor de celulose, por exemplo, as encomendas realizadas pela China ao Brasil desaceleraram e algumas empresas presentes no Brasil já anunciaram adiamento de investimentos. A China divulgou seu PIB do terceiro trimestre, indicando crescimento de 9% em relação ao mesmo trimestre do ano passado. Isso equivale ao menor nível de expansão dos últimos cinco anos. Parte desta desaceleração é devida à menor produção industrial de agosto, que, por sua vez, foi afetada por paralisações devido aos jogos olímpicos. Contudo, parcela importante desse resultado pode ser explicada pela diminuição das exportações para países desenvolvidos, que enfrentam dificuldades de importar, dada a queda na atividade.

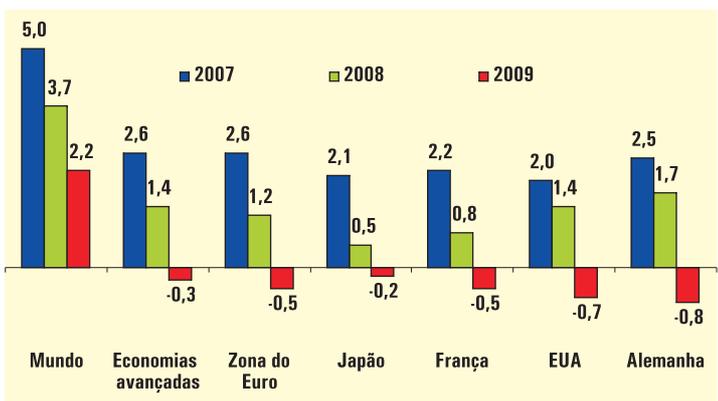


Fig. 4. Projeção de crescimento das economias avançadas e países selecionados em 2008 e 2009 (em %).
Fonte: FMI. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

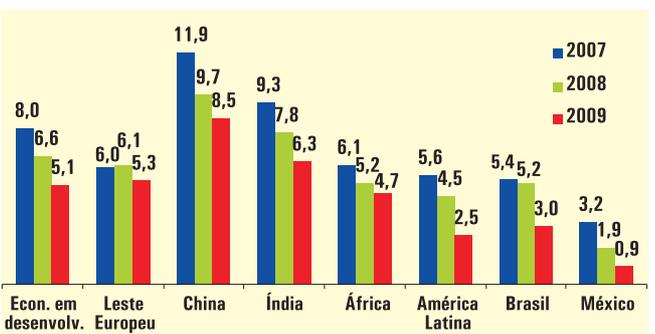


Fig. 5. Projeção de crescimento das economias em desenvolvimento e países selecionados para 2008 e 2009 (em %).
Fonte: FMI. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.



A previsão de crescimento chinês para 2009 é de 8,5% ante uma expansão de 11,9% registrada em 2007, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI). Para o Banco Mundial, o PIB chinês deverá crescer 7,5% em 2009. Por outro lado, a China anunciou em novembro um pacote de US\$ 586 bilhões para estimular economia. É aguardar para ver seus resultados. Nas demais economias em desenvolvimento também verifica-se queda importante de renda, mas sem recessão. A América Latina deve crescer menos do que a média das economias em desenvolvimento. O México, por exemplo, grande importador de produtos lácteos, deverá registrar crescimento inferior a 1% no próximo ano, ou seja, um terço do verificado em 2007. Para o Brasil, o FMI projeta expansão de 3,0% no próximo ano, mas há quem diga que este percentual é teto.

Diante desses acontecimentos, as indicações para 2009 não são das melhores. Até porque, ainda existem muitas incertezas quanto aos desdobramentos da atual crise e como isso vai impactar o setor lácteo no Brasil e no mundo. Em princípio esperava-se que uma desaceleração de preços de lácteos poderia reduzir a euforia na produção e o consumo crescente novamente tornaria ajustadas oferta e demanda, garantindo novamente um suporte aos preços. Tudo isso em um período em torno de 12 a 18 meses. Com os novos acontecimentos esse intervalo pode se alterar, sobretudo porque a demanda deverá reagir mais lentamente do que se imaginava inicialmente.

Alguns desafios já se encontram na pauta. No setor externo, existem dúvidas sobre o comportamento das exportações brasileiras de lácteos diante de um preço internacional menor e de um crescimento econômico mais baixo dos países importadores. Algum alívio certamente virá de uma taxa de câmbio mais competitiva. Também, não se pode descartar retrocesso na liberalização comercial e avanço do protecionismo das economias mais ricas. Vale lembrar que o mundo está no meio de uma grande crise e de uma transição política ocorrendo justamente onde ela começou, ou seja, nos Estados Unidos. Além disso, a administração que finda encontra-se sem credibilidade e a que está chegando, apesar de sinalizar esperança, ainda não possui autoridade na adoção de medidas coordenadas.

Internamente, muitas dúvidas persistem principalmente no âmbito dos reflexos sobre o emprego e a renda dos brasileiros. É difícil precisar como o consumo de lácteo das famílias irá reagir às restrições presentes. De fato, caso a crise se aprofunde, afetando as expectativas, o crédito e o investimento produtivo, os efeitos negativos sobre o consumo tendem a ser maiores.

No âmbito dos produtores de leite, vem ocorrendo uma deterioração rápida da relação de troca e um ambiente de muita incerteza quanto aos preços. Neste sentido, as preocupações estão centradas em dois pontos: i) a capacidade financeira dos produtores para custear a produção diante de um cenário possível de menor disponibilidade de crédito; ii) o resultado financeiro da produção diante de custos mais elevados e, pelo menos até o momento, preços em queda no mercado nacional e internacional.

Portanto, cabe a indústria de laticínios o papel de interveniente para corrigir distorções no mercado, procurando garantir um preço que remunera o produtor de leite e ainda conseguir repassar aumentos de custos a seus clientes, seja nas exportações ou no comércio varejista. Neste contexto, isso não é uma tarefa fácil, sobretudo considerando que a indústria foi o elo mais penalizado nos repasses de preços nos últimos dois anos, conforme artigo publicado na quinta edição do CBLeite.

Dado que ainda se desconhece os preços para o ano de 2009, pode-se avaliar dois indicadores antecedentes. O primeiro considera as cotações de leite Classe III nos Estados Unidos e o segundo o leite em pó integral na Oceania. No caso do preço do leite Classe III, as indicações são para preços médios no patamar de US\$ 0,33/litro em 2009, uma queda de 15% em relação a média de 2008 (Fig. 6). No segundo caso, a previsão é de queda de 33% nas cotações para o leite em pó integral em relação a média de 2008 (Fig. 7). Essa previsão se baseia no leilão eletrônico da Fonterra realizado no início de novembro. Portanto, as sinalizações para o próximo ano são de preços médios mais baixos. Em relação ao preço médio de outubro, não se espera grandes

Por fim, será importante aos elos da cadeia produtiva, em sintonia, proporem ações em parceria com o governo brasileiro que minimizem os efeitos negativos da atual crise sobre o setor produtivo. Maior agilidade e disponibilidade de créditos aos produtores e laticínios, apoio em campanhas e ações para incremento do consumo interno, campanhas de conscientização do setor produtivo no aspecto qualidade, redução das amarras burocráticas para exportação, apoio dos governantes na divulgação dos produtos brasileiros em feiras internacionais e acordos comerciais considerando produtos lácteos são algumas medidas que podem auxiliar o setor.

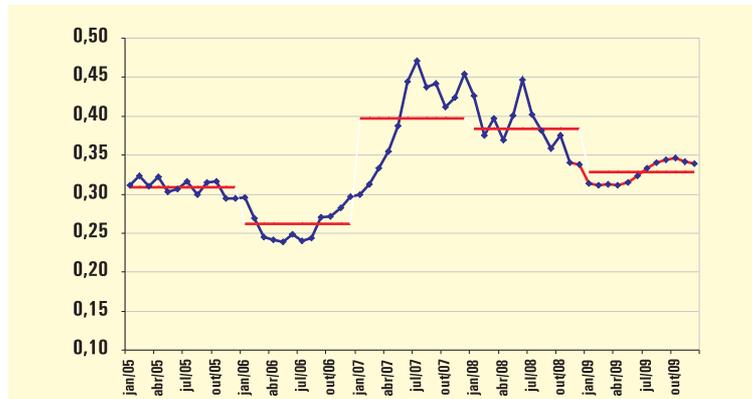


Fig. 6. Preço do leite ao produtor nos Estados Unidos e indicação de mercado futuro do dia 26/11/2008 – US\$/litro.
Fonte: USDA; CME. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

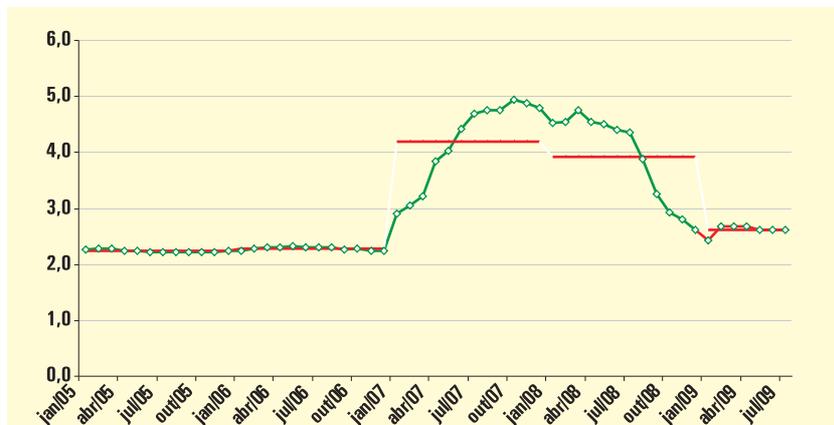


Fig. 7. Preço do leite em pó integral na Oceania e indicação do leilão Fonterra do dia 04/11/2008 – US\$ mil/ton.
Fonte: USDA; Fonterra. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.